

E não é preciso ter veia de escritor. Há quem se dedique a transformar em palavras as memórias alheias

## TODAS AS VIDAS DÃO UM LIVRO

TEXTO DE ANA GARCIA MARTINS FOTOGRAFIAS DE GONÇALO E SANTOS

S

e as histórias de encantar começam e acabam todas da mesma maneira, do “era uma vez” ao “e viveram felizes para sempre”, as histórias da vida real são sempre únicas e irrepetíveis. E, precisamente por isso, devem ficar registadas no papel. Para que não se percam, para que sejam contadas vezes sem conta. Foi essa a ideia de Sara Rodrigues e Ana Tavares, as mentes criativas por detrás do projecto O Livro da Minha Vida.

Sara já estava habituada a entrar na vida dos outros. Escrevia livros como *ghost writer* (alguém que conta a história de terceiros na primeira pessoa) e elaborava guiões para televisão. Entretanto chegaram os filhos (já são quatro, todos pequenos) e, com eles, a necessidade de passar mais tempo em casa. “Queria qualquer coisa minha, onde pudesse trabalhar ao meu ritmo. Como já tinha experiência a escrever livros, decidi fazê-lo para particulares. Queria algo mais privado, algo que as pessoas pudessem guardar. Lembro-me de pensar várias vezes que a história da minha família dava um livro fantástico, por isso decidi avançar com o projecto”,

conta. A Sara juntou-se Ana, arquitecta, responsável por toda a parte de paginação e *design*.

A ideia não podia ser mais simples: transformar as vidas alheias em palavras e eternizá-las num livro. “algo físico que perdurasse no tempo”. E como todos os projectos que nascem do zero, também este teve de se encontrar. “Inicialmente era uma ideia um bocadinho louca. Só tínhamos o nome. Não tínhamos nenhum exemplo, porque não havia nada parecido, todas as perguntas eram básicas. Andámos um ano a partir pedra e, aos poucos, fomos cimentando as coisas. Tínhamos a estrutura montada, mas era tudo uma novidade para nós”, recorda Sara. A primeira história a ser escrita foi a de uma familiar, mas os clientes “a sério” não tardaram a chegar. E, em pouco mais de dois anos, já foram escritas mais de 50 histórias.

As possibilidades são infinitas porque, entretanto, o conceito alargou-se. Além de histórias de vida (contadas pelo protagonista ou feito em modo surpresa, por amigos ou familiares), O Livro da Minha Vida também conta as histórias dos filhos, de casamentos, de empresas, da escola ou da família. Também há quem queira dar largas à sua veia mais criativa, criando livros de poemas ou com imagens de quadros. Há de tudo. Semelhante é o processo de trabalho. Há sempre uma primeira reunião para apurar o tipo de livro pretendido. Segue-se a fase de entrevistas presenciais, online, telefónicas, via Skype (uma tecnologia que veio facilitar muito o contacto com pessoas que estão fora do país). Os entrevistados podem ser todos aqueles que tiverem episódios interessantes para contar, mas tudo depende do orçamento que o requerente do livro estiver disposto a gastar. Por fim, a parte da escrita, paginação e

28

**Há quem revele segredos, há quem chore ao ler passagens dos livros, há quem aproveite para pedir desculpa. “Este projecto é muito importante em termos de sentimentos, por se poder dizer às outras pessoas o que se sente por elas. Já tivemos o caso de uma família que se voltou a unir depois do livro. Quando se vai ao fundo das questões percebe-se que as pessoas gostam muito umas das outras e têm muitas coisas para dizer”**

*design*. Em média cada livro demora três meses a ser entregue, e pode ir das 50 às mais de 200 páginas (entre 500 e 5000 euros).

O resultado final é sempre diferente. Não só porque não há duas histórias de vida iguais como a equipa se esforça para encontrar soluções originais. “Já escrevemos um livro em que era um cão que contava a história do dono”, diz Sara. Quanto mais memórias os entrevistados partilharem, melhor o livro. Para isso é preciso criar empatia, saber ouvir “Não me apresento no papel de jornalista. Há que quebrar o gelo do gravador. A ideia é que as pessoas se exponham e se sintam à vontade para irem repescar certas coisas. Na primeira entrevista nunca têm muito para dizer, porque isto implica alguma auto-reflexão, há muita coisa recalçada, mas depois voltam e já trazem coisas escritas em papéis. Normalmente estão muito receptivas e criamos um espírito de trabalho de equipa. Cria-se uma relação de intimidade, para que se quebrem algumas barreiras.”

Há quem revele segredos, há quem chore ao ler passagens dos livros, há quem aproveite para pedir desculpa. “Este projecto é muito importante em termos de sentimentos, por se poder dizer às outras pessoas o que se sente por elas. Já tivemos o caso de uma família que se voltou a unir depois do livro. Quando se vai ao fundo das questões percebe-se que as pessoas gostam muito umas das outras e têm muitas coisas para dizer.” Rita já se emocionou várias vezes à conta das histórias que escreve. “A realidade supera largamente a ficção. Às vezes escrevo coisas que não dá para acreditar. Há pessoas com vidas surpreendentes, pela positiva e pela negativa. Há quem já tenha perdido tudo e dado a volta, quem já tenha passado por coisas surreais.” Para a escritora uma das grandes mais-valias de um projecto como este é a possibilidade “de recuperar memórias que se perdem e que são riquíssimas. Cada família tem uma história que podia dar uma série como o *Conta-me Como Foi*. A evolução tem sido tão rápida e o país mudou tanto nos últimos 100 anos que isto é quase um contributo histórico”. Talvez seja por isso que está a escrever a história da sua família. Para que os filhos saibam que as bisavós não usaram telemóvel. Ou que a internet não é uma invenção milenar.

(www.olivrodaminhavidacom) •

29